

Afetividade: um desafio em sala de aula

Affectivity: a challenge in the classroom

Fernanda Rufina Nunes

Aluna do 5º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

Sandra Aparecida de Sousa

Aluna do 5º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

Sylze Maria Araújo

Aluna do 5º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: sylzearaujo@hotmail.com

Me. Edite da Glória Amorim Guimarães

Professora orientadora (UNIPAM)

Resumo: Esta pesquisa pretende abordar a temática da afetividade na educação e como ela interfere no processo ensino-aprendizagem. Objetiva-se, então, analisar e destacar a importância da afetividade nessa relação professor e aluno como facilitador do processo. Acredita-se que o professor é um mediador do conhecimento e que também pode estabelecer uma relação afetiva com seus alunos, o que facilitaria esse processo. Pressupõe-se que, para que o aluno tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, é necessário estabelecer relações positivas, atingindo os objetivos educativos propostos. A afetividade age de forma positiva no processo de escolarização, sendo definida como uma dimensão imprescindível para um aprendizado efetivo do educando. Nessa perspectiva, o professor preocupa-se com o processo de aprendizagem dos seus alunos e os reconhece como indivíduos autônomos, em busca de sua identidade. Pretende-se analisar a abordagem da afetividade na relação professor-aluno, dentro da escola, como uma dimensão que possa contribuir na formação do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Ressaltam-se algumas práticas pedagógicas, do cotidiano escolar, que propiciam maior envolvimento professor-aluno, maior visibilidade da relação afetiva de ambos. A metodologia usada foi a pesquisa de campo, de caráter exploratório e, também, realizou-se um estudo bibliográfico, com base nas concepções de Chalita, Vygotsky, Piaget, Wallon e Cury. A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas da rede municipal e estadual de Patos de Minas-MG, sendo duas turmas do 1º e 5º anos do ensino fundamental, respectivamente. Com base na observação direta, identificou-se que, por meio do afeto, o aluno adquiriu todas as condições necessárias para se sentir seguro e protegido e, assim, desenvolver-se cognitivamente. Nesse sentido, a escola deve proporcionar uma relação afetiva que leve em conta o aluno, como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia. O professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos quando coloca a afetividade como um dos elementos que influenciam o processo ensino-aprendizagem. Concluiu-se que é importante discutirmos essa temática, pois a afetividade permeia todas as dimensões do processo ensino-aprendizagem,

não estando separada desse processo ou sendo pontualmente trabalhada em um momento definido.

Palavras-chave: Afetividade. Relação professor-aluno. Aprendizagem.

Abstract: This research aims to address the theme of affectivity in education and how it interferes in the teaching-learning process. The objective is to analyze and emphasize the importance of affectivity in this relation between teacher and student as facilitator of the process. It is believed that the teacher is a mediator of knowledge and can also establish an affective relationship with his students, which would facilitate this process. It is assumed that, for the student to have a healthy and appropriate development within the school environment, it is necessary to establish positive relationships, achieving the proposed educational goals. The affectivity acts positively in the schooling process, being defined as an essential dimension for an effective learning of the learner. In this perspective, the teacher is concerned with the learning process of his/her students and recognizes them as autonomous individuals in search of their identity. We intend to analyze the affective approach in the teacher-student relationship, within the school, as a dimension that can contribute to the formation of the emotional and cognitive development of the child. Some pedagogical practices are emphasized, from the school routine, which lead to greater teacher-student involvement, greater visibility of the affective relationship of both. The methodology used was exploratory field research, and a bibliographic study was also carried out, based on Chalita, Vygotsky, Piaget, Wallon and Cury conceptions. The field research was carried out in two schools of the municipal and state network of Patos de Minas-MG, being two classes of the first and fifth years of elementary school, respectively. Based on direct observation, it was identified that through affection, the student has acquired all the necessary conditions to feel safe and protected and, thus, to develop cognitively. In this sense, the school should provide an affective relationship that takes into account the student as a whole, contributing to the development of his/her autonomy. The teacher is fundamental for student's learning when they place affectivity as one of the elements that influence the teaching-learning process. It was concluded that it is important to discuss this issue, because affectivity permeates all dimensions of the teaching-learning process, not being separate from this process or being punctually worked at a defined moment.

Keywords: Affectivity. Teacher-student relationship. Learning.

1 Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa elaborada para conclusão da disciplina Projeto Integrador do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), na qual se propôs abordar a relação da afetividade em sala de aula entre professor/aluno e, como facilitadora do processo ensino aprendizagem, uma dimensão que contribui na formação do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Outro objetivo da pesquisa foi de conhecer algumas práticas pedagógicas, do cotidiano escolar, que propiciam maior envolvimento do educador e do educando, numa relação afetiva entre ambos.

Ao refletir sobre a afetividade no processo de aprendizagem, surgem questionamentos como: a dimensão afetiva está sendo trabalhada, no processo ensino-aprendizagem, com o intuito de desenvolver a dimensão cognitiva?

O professor não apenas transmite conhecimentos, mas também pode estabelecer uma relação afetiva com seus alunos, o que facilita o processo ensino-aprendizagem.

A afetividade age de forma positiva no processo de escolarização, pois é uma dimensão imprescindível para o aprendizado afetivo do educando.

Discorrendo sobre essa temática, Wallon (*apud* SALLA, 2011, [s.p.]) pontua que “[...] a afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento”. Em face do exposto, é necessário considerar que a prática da afetividade pode estimular a questão cognitiva e motora do aluno.

Para Almeida (2004, p. 52), “[...] a afetividade constitui um domínio tão importante quanto à inteligência para o desenvolvimento humano”. Diante do postulado, é fundamental considerar que a afetividade é tão importante quanto a inteligência, pois o domínio afetivo faz parte da constituição do ser humano.

2 Referencial teórico

2.1 Afetividade na influência do cognitivo do aluno

Na educação de abordagem construtivista, a preocupação com a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensificação das relações, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento. Sobre o exposto, Wallon (*apud* ALEXANDROFF, 1998, p. 37) expressa que “[...] a emoção não pode ser vista isoladamente, mas integrada ao funcionamento da inteligência, da motricidade e do social”.

Discorrendo sobre a temática dos laços afetivos em sala de aula, não há como negar a sua interligação com a aprendizagem, pois, na escola, a criança se relaciona emocionalmente com os colegas e professores em sala de aula. Para Silva (2013, p. 2),

a afetividade está constantemente presente na vivência da criança, independente de sua origem, gênero ou classe social. Porém, ainda encontramos resistência na valorização da mesma em sala de aula, visto que a escola ainda é fortemente influenciada por métodos que privilegiam o tradicionalismo que, com frequência desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno.

Com base no autor citado, pode-se pressupor que, em uma sala de aula, é de extrema importância valorizar a afetividade na construção do conhecimento, influenciando na formação psicológica, emocional e social do aluno.

A afetividade está interligada ao ato motor e ao cognitivo, como expõe Mahoney (2004, p. 18):

o afetivo é, portanto, indispensável para energizar e dar direção ao ato motor e ao cognitivo. Assim como o ato motor é indispensável para expressão do afetivo, o cognitivo é indispensável na avaliação das situações que estimularão emoções e sentimentos.

Nesse viés, Mahoney (2004) considera que a afetividade é essencial para dar origem ao ato motor aos movimentos do corpo, como também a afetividade e o cognitivo são indispensáveis na constituição da pessoa.

Para Wallon (2007, p. 127), “a criança desde que nasce sofre mudanças ao longo da vida, considerando o ato motor, a afetividade e a cognição como temas centrais na sua abordagem”.

As etapas no desenvolvimento da criança, segundo Wallon (2007, p. 128-153), são:

Impulsivo-emocional: ocorre no primeiro ano de vida- se restringe no emocional, pois a criança não sabe falar e se expressa através do choro, o bebê está exclusivamente submetido às impressões orgânicas e dispõe de reações orgânicas.

Sensório-motor e projetivo: ocorre entre 1 aos 3 anos- aquisição da marcha e da linguagem, a criança se torna mais livre e o ato mental projeta-se em atos motores. A criança quer descobrir o mundo, projeta-se em atos motores.

Personalismo: ocorre entre 3 aos 6 anos - etapa do desenvolvimento da personalidade, o aprender a conversar com outras crianças de sua idade e com adultos diferentes do seu meio familiar, contribuindo para o fortalecimento da individualidade; aprende a estabelecer cooperação, socialização.

Categorial: ocorre entre 6 aos 11 anos – destaca-se nessa etapa o interesse da criança para o conhecimento, a vontade de aprender.

Puberdade e adolescência: ocorre a partir dos 11 anos – entrada da puberdade, adolescente começa a passar pelas transformações físicas e psicológicas da adolescência; busca de autoafirmação e o desenvolvimento da sexualidade.

O estudo dos estágios de desenvolvimento expostos por Wallon (2007) ajuda a perceber como se dá o desenvolvimento da criança ao longo da vida, possibilitando resgatar a história da criança para conhecê-la melhor e descobrir se não há fatores afetivos dificultando o cognitivo.

2.2 A afetividade na relação professor-aluno

O professor é o agente responsável pelo processo educacional, sendo o coração de uma instituição de ensino. Ele precisa ir além de sua formação acadêmica, aprofundando seus conhecimentos na prática da sala de aula num convívio afetivo com seus alunos. Nesse sentido, Chalita (2001, p. 165) preconiza que

ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado! E o professor é capaz de fazer isso. Para quem teve uma formação rígida, é difícil expressar seus sentimentos; há pessoas que não conseguem elogiar, que não conseguem abraçar, que não conseguem sorrir. O professor tem que quebrar essas barreiras e trabalhar suas limitações e as dos alunos. Não há como separar o ser humano profissional do ser humano pessoal.

Para o professor, a convivência com o aluno é de extrema importância, assim ele deve acompanhar cada etapa, como a chegada desse aluno na escola, pois ele tem os olhos curiosos pelo novo, o desejo de aprender a cada tema abordado em sala de

aula. Essa relação saudável entre professor e aluno contribui para o crescimento de um e a realização do outro. Cury (2003, p. 55) afirma que “educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias”.

Essa relação professor-aluno influencia no processo ensino-aprendizagem. Assim, o professor que não gosta de dar aula ou não gosta dos alunos deve procurar uma outra profissão. A relação educativa é um processo longo e necessita de um relacionamento de afeto para que possa fluir bem. O aluno, como todos ser humano, precisa de afeto para se sentir valorizado.

Nessa perspectiva, Piaget (*apud* LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 65) enfatiza que

a afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações.

Gestos simples como chamar os alunos pelo nome, elogiar um novo corte de cabelo, uma roupa, dizer que conhece alguém da família como pai, mãe, elogiar cada conquista do aluno são gestos que quebram barreiras e fortificam a amizade e a afetividade entre aluno e professor.

Bons professores têm uma boa cultura acadêmica, transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares (CURY, 2003, p. 57).

Dessa forma, o afeto deve estar presente não apenas na relação entre aluno e professor dentro da sala de aula, mas também em atividades fora dela. De acordo com o grau de afetividade apresentado entre ambos é que a interação se realiza e, então, constrói-se um conhecimento altamente envolvente.

As escolas recebem crianças em diversas situações afetivas, algumas com problemas de baixa autoestima, tristes, com dificuldades de aprendizagem, outras que não conseguem interagir com outras crianças e, em muitos casos, são rotuladas como sem educação, complicadas e sem limites. Nesses casos, a escola, por meio de seus educadores, tem o dever de não rotular, mas sim de proporcionar um ambiente acolhedor, tranquilo e afetivo, com o intuito de amenizar as angústias dos alunos, fazendo com que se sintam mais seguros.

Em um ambiente que a criança se sente protegida, amada e segura, forma-se uma relação em que o professor é o facilitador da aprendizagem, porque este eleva a autoestima do aluno.

O professor é o espelho no qual seus alunos se assemelham, é um referencial, o líder, que auxilia e os orientam no ambiente escolar. Para o professor, o progresso de

cada aluno é gratificante, faz crescer a vontade de continuar a ensinar com amor e dedicação.

Cury (2003, p. 64) defende que “bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos”.

Nessa linha de pensamento, Cunha (2008, p. 51) acrescenta que,

em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

De acordo com Cury (2003) e Cunha (2008), a afetividade permeia todos os campos da educação de forma a contribuir com a relação professor-aluno, na formação cognitiva e psicológica, de forma efetiva. Essa relação afetiva contribui para que o aluno sinta segurança em sala de aula, sinta liberdade de participar. A criança que se sente amparada pelo professor, conseqüentemente, terá mais condições de aprendizagem.

O professor não é apenas um mediador do conhecimento, ele tem uma relação cotidiana com seus alunos. O professor afetivo desenvolve estratégias que colaboram com a essa relação professor-aluno e a relação ensino-aprendizagem, com práticas pedagógicas dinâmicas e criativas, demonstrando o prazer de ensinar.

Vale a pena ressaltar que, numa perspectiva piagetiana, o desenvolvimento da criança é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem na vida escolar. Como o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento da criança.

Diante das discussões que sustentam acerca da temática, a afetividade é realmente um aspecto importante no processo de aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, porque fundamenta a relação entre o professor e o aluno. Ela não pode ser pensada como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, o amor e o afeto são a chave para a educação. Os professores devem valorizar o aluno, dando amor, afeto, carinho, elevando a autoestima. O professor deve dar meios, elementos, para que os alunos resolvam os problemas, encontrem soluções e enfrentem os desafios que vão encontrar ao longo da vida.

Em conformidade com Cury (2003, p. 80),

os professores fascinantes objetivam que seus alunos sejam líderes de si mesmos. Proclamam de diversas formas em sala de aula aos seus alunos: “Que vocês sejam grandes empreendedores. Se empreenderem, não tenham medo de falhar. Se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorarem, repensem a sua vida, mas não desistam. Deem sempre uma nova chance a si mesmos.

A educação é dinâmica e provocadora de reflexões, portanto, o professor deve acompanhar esse processo de mudanças e reflexões, na busca de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas e, por meio da afetividade, criar laços de múltiplas aprendizagens.

Segundo Cury (2003, p. 72), o professor pode transformar pequenas ideias em grandes projetos, tornando-se um mestre inesquecível. Para ele,

ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os alunos consistentes e inconscientes dos seus alunos. O tempo pode passar as dificuldades podem surgir, mas as sementes de um professor fascinante jamais serão destruídas.

A pedagogia afetiva deve ser a prática exercida por nós professores, que amamos o que fazemos. Para tanto, é preciso participar de forma ativa das emoções, dos sentimentos e da aprendizagem dos alunos.

2.3 A afetividade na prática educativa

O processo de ensino-aprendizagem se tornou uma ação complexa que envolve muitos aspectos do desenvolvimento humano. Há algo mais na relação entre professor e alunos, porque a escola, tradicionalmente, trabalha com o foco principal: o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Ou seja, embora faça parte da relação pedagógica e até exerça forte influência nos resultados da aprendizagem, a dimensão afetiva-emocional não é reconhecida como parte significativa para se trabalhar o desenvolvimento humano integral, principalmente em idade escolar.

Ampliando essa discussão, Georges (*apud* SNYDERS, 1998) defende que a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, pois é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. E o amor não é contrário ao conhecimento, pois, quando se ama, esse amor ilumina e ajuda a revelar e a descobrir esse mundo.

As diretrizes concernentes à formação dos professores (BRASIL, 1997, p. 25) assinalam que “[...] uma educação de ‘qualidade’ deve desenvolver, nos aprendizes, diferentes capacidades ‘cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal’”. E fazem, também, uma referência ao currículo do ensino fundamental:

esse currículo visa o desenvolvimento de capacidades: de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, éticas, estéticas [...] para que o aluno possa dialogar de maneira adequada com a comunidade, aprenda a respeitar e a ser respeitado, a escutar e ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres. (BRASIL, 1997, p. 46)

Portanto, a dimensão afetiva deve estar inserida na aprendizagem escolar e nos seus relacionamentos.

No contexto atual, o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos, seu papel é bem mais amplo, porque ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos. A forma com que a relação professor-aluno é conduzida dentro de sala de aula e a forma com que a criança recebe isso são importantes para o desenvolvimento cognitivo, psíquico e emocional dela.

A criança passa uma parte de seu tempo se relacionando com seu educador, assim, o modo com que o professor conduz a aula é determinante para a forma com que a criança irá receber o aprendizado.

No tocante a isso, Abreu e Masetto (1990, p. 20) afirmam que

é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Segundo a teoria de Wallon (2005), a dimensão afetiva é enfatizada de maneira significativa para a construção da pessoa e do conhecimento. A afetividade e a inteligência são inseparáveis na evolução psíquica. Os aspectos cognitivos e afetivos ocorrem numa situação oposição e complementaridade, em que, dependendo da atividade, há a preponderância do afetivo ou do cognitivo, o que não exclui um em relação ao outro, porém ocorrem alternâncias em que um mergulha para que o outro possa emergir.

No que se refere à prática pedagógica, Wallon (2005, p. 85) afirma que

a escola não pode esquecer que toda prática verdadeiramente pedagógica tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu. Sua intenção, portanto, tem de ser levar o aluno a fortalecer sua autoestima, ter confiança em si e nos outros, ter respeito próprio. E, assim fortalecido, pode ser solidário em suas relações.

O professor não pode esquecer sua função no grupo. Assim, Wallon (2005, p. 80) alerta que o professor é

aquele que observa os processos grupais e intervém, apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho. Seu objetivo não é só trazer um conhecimento novo, mas ver como o processo de aprendizagem se desenvolve no grupo: aprendizagem de conceitos, de fatos, de valores e de comportamentos.

Um professor que emociona seus alunos é aquele que os convida para uma viagem ao mundo novo, desconhecido, cheio de esperança e de descobertas, provocando, em cada aluno, uma sensação de prazer, alegria e entusiasmo. Se o professor não conseguir provocar seus alunos para a aprendizagem, então ele não é um professor, mas sim um transmissor de informações, e isso qualquer um pode fazer.

Um professor não deve ser um alienado, que não se preocupa com a vida social e cultural dos alunos e, portanto, não se importa com o futuro e o contexto em que vivem. Nenhum professor deveria passar na vida dos alunos sem deixar marcas, sem afetá-los de alguma maneira.

É de fundamental importância que o professor esteja consciente de que o indivíduo passa a aprender com ele e cria laços afetivos. Um dos lugares no qual o aluno mais se relaciona com o outro é na instituição escolar, pois é nesse ambiente que aprende a interagir, a brincar e a relacionar. O ato de ensinar e de aprender envolve e exige certa cumplicidade do professor, a qual é construída nas intervenções, a partir do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e do que é captado.

Segundo Wallon (2005, p. 80),

outro aspecto ao qual o professor precisa estar atento é o conceito de meio incluindo o meio interpessoal e o cultural. O professor não é só o mediador entre a cultura e o aluno, mas é o representante da cultura para o aluno. Na relação professor/aluno, é ele que acaba selecionando entre os saberes e os materiais culturais disponíveis em dado momento, bem como tornando ou não esses saberes efetivamente transmissíveis, é ele que faz a aproximação do aluno com a cultura de sua época.

Portanto, cabe ao professor planejar e executar suas aulas para que seus alunos criem vínculos positivos entre si e os conteúdos. Quando um professor apenas transmite um conteúdo, sem importância, sem que o aluno assimile afetivamente o conteúdo, pouco será aprendido, pois o professor necessita tornar os conteúdos interessantes aos olhos dos alunos. Pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o combustível necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança. Nesse sentido, a afetividade é o combustível para uma aprendizagem significativa.

Wallon (2005, p. 82) argumenta que “o professor precisa ser um arguto lúcido, constante observador de seu aluno. Observador da criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada, observador da criança em cada um de seus domínios funcionais”.

Nesse sentido, o papel do professor requer uma reflexão que aponta para a necessidade de mudança nos procedimentos pedagógicos, proporcionando práticas pedagógicas eficazes e contextualizadas, tendo em vista sempre a aprendizagem dos alunos, afinal, o ensino só é eficaz se houver aprendizagem.

De acordo com Chalita (2001), a habilidade emocional é o grande pilar da educação, não sendo possível desenvolver habilidades cognitivas e sociais sem trabalhar a emoção, o que exige muita paciência, pois se trata de um processo continuado cujas mudanças não ocorrem de uma hora para outra.

3 Metodologia

Para desenvolver esta pesquisa, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, com base nos autores: Wallon, Chalita, Cury, Piaget e Vygotsky, entre outros. Também foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando-se coleta de dados, a partir da observação em sala de aula e de entrevista com professores. Segundo Gil (*apud* MENEZES, 2007, p. 12), a pesquisa qualitativa tem como finalidade “[...]”

proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ao construir hipóteses”.

A pesquisa de campo permitiu o registro da realidade da sala de aula, para planejar e sistematizar os dados coletados. Foram observadas duas turmas, sendo uma do 5º ano de uma escola municipal e outra do 1º ano, sendo esta da rede estadual.

O contato direto com alunos e professores permitiu perceber as estratégias criadas pelos professores para uma aprendizagem eficaz e afetiva e perceber, nos alunos, as expressões emotivas presentes em sala de aula.

A entrevista aplicada com as duas professoras observadas é um instrumento de suma importância para se compreender as concepções educativas aplicadas em sala de aula. A entrevista permeia a modalidade semiestruturada, a qual se caracteriza por um roteiro com perguntas elaboradas previamente.

A entrevista foi composta por questões referentes aos dados pessoais, profissionais e ao tema proposto neste artigo. Essa entrevista foi realizada individualmente, com horários marcados com os professores dentro do ambiente escolar.

Para a escolha das salas observadas, estabelecemos como ponto de partida professores do nosso convívio, enquanto estagiárias. Optamos, também, por professores com posturas distintas na relação com o aluno.

Aos alunos do 1º ano, solicitamos que fizessem um desenho, expressando suas relações construídas em sala de aula, com os colegas e com a professora. Dessa forma, os alunos se sentem mais à vontade para demonstrar seus sentimentos. E quanto aos alunos do 5º ano, tivemos uma conversa aleatória sobre afetividade em sala de aula, a qual se resultou em um gráfico.

3.1 *Análise de dados*

3.1.1 Descrição dos sujeitos da pesquisa¹

5º ano do ensino fundamental

Professora Rosa: dedicada, exigente com os alunos, calma, fala em tom paciente e carinhoso.

Aluno Cravo: comunicativo, afetivo, participativo. Um aluno que participa de todas as atividades da sala.

Aluna Margarida: espontânea, alegre, comunicativa. Uma aluna considerada problema por estar repetindo o ano e por ter um histórico familiar difícil.

Aluno Girassol: Radiante, participativo, comunicativo. Adora ser útil em sala, participa de todas as atividades, mesmo apresentando um problema neurológico, é muito inteligente.

¹ Com vistas a preservar os princípios éticos, a identificação dos sujeitos é feita por codinomes, os quais se baseiam em nomes de objetos escolares e de flores.

1º ano do ensino fundamental

Professora Livro: não estimula a turma, fala em tom autoritário, mas os alunos dificilmente a obedecem.

Aluno Lápis: criança com problemas de aprendizagem como a maioria da turma.

Aluno Caderno: agressivo.

Aluno Papel: aluno problemático, pois está fora da faixa etária adequada, tem transtornos de aprendizagem e apresenta comportamento agressivo com seus colegas e com a professora.

3.2 Observação do cotidiano da turma do 5º ano do ensino fundamental

A partir das primeiras observações em sala de aula, com a professora Rosa, pôde constatar um clima de extremo afeto entre professor e alunos. É notável, nessa turma, a presença de um clima tranquilo, a professora em momento algum altera a voz para se dirigir aos seus alunos.

Os alunos, apesar da dificuldade visível na aprendizagem, procuravam ser participativos, tanto para ir ao quadro responder alguma atividade, quanto para fazer leitura em voz alta.

Em uma conversa informal com a docente, ela nos relatou que a turma tem bastante dificuldade com a aprendizagem. Muitos alunos trazem de casas casos conturbados, contribuindo para a não aprendizagem. A professora afirmou que a maioria dos alunos ali presentes é repetente. Relatou que está com a turma no segundo ano consecutivo. No ano passado, ela trabalhou com os alunos que não conseguiram ser aprovados. Então, sentiu a necessidade de trabalhar com essa turma novamente, vendo a necessidade de pôr em prática um trabalho voltado para o resgate de valores e a importância de ter um compromisso com a aprendizagem, pois acredita que essas atitudes são necessárias para um bom aprendizado, seguindo, claro, o ritmo da turma.

A partir de uma primeira observação, percebemos não haver presença de planejamento nas aulas da professora Rosa. Às vezes, fica procurando o que passar para seus alunos. Em certo momento, ela passa várias atividades que já foram trabalhadas no ano anterior, então, alguns alunos, que são repetentes, se manifestam falando que ano passado fez essa mesma atividade. Com isso, pode-se notar que a professora tão afetiva com seus alunos não procura atividades diversificadas para atender ao interesse da turma.

Uma situação que chamou a atenção foi a da aluna Margarida, que levou para escola um revólver de brinquedo. A polícia foi acionada pela vice-diretora. Margarida disse à polícia que o brinquedo pertencia ao irmão e que pegou escondido. A arma foi apreendida e a aluna ficou sob os cuidados da vice-diretora. O conselho tutelar foi comunicado do ocorrido e, segundo informações repassadas pela professora, os conselheiros irão fazer visitas na escola e na residência da aluna para evitar que o fato ocorra novamente.

Em outra observação, presenciamos um membro do conselho tutelar na escola, que foi à sala de Margarida para conversar com ela. A aluna permaneceu por um bom tempo fora da sala. Ao voltar, Margarida estava muito abalada, e a professora Rosa,

percebendo aquela situação, pediu nossa ajuda para que a auxiliássemos, e saiu abraçada com a aluna. De volta à classe, a aluna já estava mais calma, pois, a todo momento, agradecia à professora dizendo: “obrigada por ser minha ‘teacher’”. A atitude da professora nos levou a perceber que ela sabe acalmar seus alunos nos momentos difíceis.

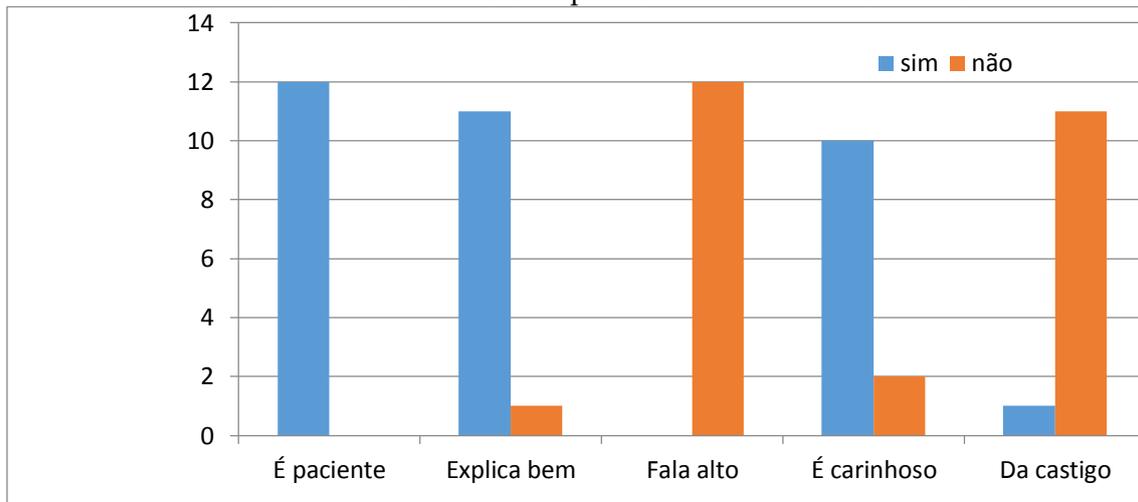
Outro ocorrido, em todas as observações, foi a ação de um dos alunos que sempre fazia um som remetendo ao choro de uma criança. Perguntamos à professora em uma conversa informal o porquê de aquele aluno insistir com aquele som. Ela nos relatou que a mãe do aluno, recentemente, deu luz a uma menina e, até então, o aluno era o caçula da família. A docente esclareceu que a chegada da irmãzinha, para a mãe, está sendo tudo, toda a atenção está voltada para a pequena. A professora afirma que, com isso, ele está sentindo que perdeu o posto de filho mais novo.

Durante as observações em sala de aula da professora Rosa, notamos atitudes de aconselhamento aos seus alunos em relação a problemas trazidos de casa e paciência em explicar o conteúdo. Ficou evidente, em todas as aulas, o interesse dos alunos em serem participativos, mesmo tendo dificuldades.

No que se refere à relação dos alunos entre si, percebe-se que eles mantêm uma relação de respeito e companheirismo. Só o caso da professora não planejar que nos deixou um pouco preocupadas e com várias dúvidas: será que o não planejar dela pode refletir na não aprendizagem dos alunos, pois está sempre trabalhando as mesmas atividades que já trabalhou no ano anterior? Será que não é preciso mudar a metodologia? Será que, se a professora utilizar atividades diversificadas e continuar a ser uma professora afetiva, haverá melhoraria na aprendizagem desses alunos? Essas indagações que nos inquietaram dariam outra pesquisa.

3.3 Análise de dados da conversa com alunos do 5º ano

A conversa com os alunos do 5º ano, da rede municipal de ensino, foi baseada nas seguintes perguntas: a professora tem paciência? Ela explica bem? Fala alto? É carinhosa? Dá castigos? Todas as respostas foram registradas e ilustradas no gráfico 1 seguinte, o qual traz algumas características da professora na visão dos alunos:

Gráfico 1 - Características da professora na visão dos alunos

Fonte: Dados da pesquisa (questionários)

Com base no gráfico 1, destacam-se entre as características da professora, na visão dos alunos, uma professora paciente (12 alunos), com uma boa explicação (11 alunos). O aluno que respondeu que a professora não explica bem o conteúdo justificou-se dizendo que as atividades foram dadas no ano anterior, sendo assim, ele já sabe como ela vai explicar, porém não entende. Ao serem questionados se a professora fala alto, 12 alunos responderam que não, todos disseram que ela não altera a voz em momento algum. Quando questionados se ela é carinhosa, 10 alunos afirmaram que a professora é sempre carinhosa e dois alunos responderam que a professora não é muito carinhosa, porém não apresentaram justificativas plausíveis. Quando perguntados se a professora dá castigo, 11 alunos disseram que não e um aluno disse que sim, justificando que, quando não faz as atividades, a professora o faz fazê-las no horário de educação física ou recreio.

Portanto, descobrimos que a professora procura manter uma relação afetuosa com seus alunos, havendo sempre diálogo, respeito mútuo e, principalmente, carinho recíproco, porém não motiva os alunos ao repetir atividades já conhecidas por eles.

Nesse sentido, Chalita (2001, p. 141) ressalta que, em relação aos alunos, “é preciso se dispor a conhecer cada um deles e auxiliá-los. Alguns, aparentemente, estão mais aptos para o aprendizado, demonstram-se interessados, participativos; outros apresentam mais dificuldades”.

Faz-se necessário, então, que a professora conheça cada um de seus alunos e o ambiente em que vivem, para que, assim, possa conduzir sua prática pedagógica com eficiência.

Nessa linha de pensamento, Cury (2003, p. 57) enfatiza que

os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência. Sabem que apenas a experiência é registrada de maneira privilegiada nos solos da memória, e somente ela cria avenidas na memória capazes de transformar a personalidade.

Entendemos que ser professor é estar comprometido com uma postura em que possa mediar o conhecimento, tendo uma visão de que o aluno é um ser integral. Cury (2001, p. 141) postula que “[...] é preciso lembrar que, ao escolher a profissão de educador, como a de médico ou do sacerdote, o professor está comprometido com a sensibilidade humana”.

3.4 Observação do cotidiano da turma de 1º ano do ensino fundamental

Como um dos instrumentos para coleta de dados, optou-se pela observação direta. De acordo com Oliveira (2003, p. 55), a observação “é a base da investigação científica, permitindo os registros dos fenômenos da realidade, para se planejarem e sistematizarem os dados que serão coletados”.

A partir das primeiras observações na turma do 1º ano, presenciamos um clima de indisciplina, com bastante agitação. Para chamar a atenção dos alunos, a professora, a qual denominamos de Livro, na maioria das vezes, falava em tom autoritário, mas os alunos dificilmente a obedeciam. A turma sempre estava em desordem, o que dificultava o trabalho da professora. Ela tinha bastante dificuldade em conduzir as atividades propostas.

Um fator presente nessa turma é a falta de estímulo da professora Livro para com seus alunos. Ela não procurava desenvolver a autoestima das crianças, ao invés disso, desestimula algumas, como ocorreu neste episódio: Lápiz é uma criança com problemas de aprendizagem, como a maioria da turma. A professora Livro escreveu a data no quadro e pediu para que copiassem. Lápiz logo perguntou: “professora, você pode me ajudar?”, e em tom alterado de voz ela respondeu: “já estou cansada de você, agora não posso”.

Contrapondo a essa atitude da professora, Wallon (2005, p. 81) explicita que “tanto a seleção dos saberes como sua transposição didática aos alunos dependem do compromisso e da competência do professor”.

Presenciamos, também, algumas cenas de violência, pois qualquer acontecimento era motivo de discórdia, os alunos se xingavam em vários momentos da aula. Houve um momento em que Caderno puxou o cabelo da colega e cortou um pedaço, enquanto, no outro canto da sala, um grupo de cinco crianças se estapeava, sem motivo aparente. Aprofundando o tratamento da questão, a teoria walloniana (2005) considera que a aprendizagem ocorre se está adequada ao interesse do aluno, sendo a necessidade o fator que faz nascer o interesse. Logo, o professor deve identificar as necessidades de seus alunos, criando condições para satisfazê-los.

Noutro momento, a professora aconselhava que os alunos causadores dos conflitos fossem ignorados pelos demais. Aconteceu uma discussão entre alguns alunos e o aluno Papel era o acusado de ser o causador. Papel é um aluno problemático, pois está fora da faixa etária adequada, tem transtornos de aprendizagem e apresenta comportamento agressivo com seus colegas e com a professora. Papel se acha no direito de fazer o que quer, sai da sala de aula o tempo todo, remete palavras de baixo calão para seus colegas, bate, empurra e dificilmente faz as atividades.

De acordo com o entendimento de Wallon (2005, p. 84),

muitas das dificuldades de aprendizagem são decorrentes da falta de deficiência do investimento da pessoa no ato de aprender. O professor observará a criança para estabelecer os porquês do não envolvimento e dará a ela o tempo para pensar, para se organizar para elaborar seu trabalho e para ter sucesso.

3.5 Entrevista com professores

A entrevista foi composta por questões ligadas a dados profissionais (formação, tempo de serviço), bem como à temática desta pesquisa.

Quadro 1 – Dados coletados com as professoras

ITENS	PROFESSORA ROSA	PROFESSORA LIVRO
1. Qual é a sua formação? Há quanto tempo você atua como docente?	Pedagoga. Atuo como docente há mais de 25 anos.	Pedagoga e pós-graduada em Educação Pública. 19 anos de docência.
2. O que você entende por afetividade?	A afetividade é um conjunto de fenômenos que devem ser praticados no dia a dia e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos.	Afetividade é o caminho, o cuidado para o outro, é querer bem a pessoa.
3. Você concorda que o afeto entre professor-aluno é essencial para um bom funcionamento do processo de aprendizagem?	Sim, concordo, porém, a história de vida que o aluno traz de casa no meu caso às vezes atrapalha de ter um afeto entre professor-aluno e o funcionamento do processo de aprendizagem. Às vezes, o aluno se fecha em seu mundo, não abre oportunidade de diálogos. É necessário sempre insistir no diálogo com os alunos para conhecer sua história.	Sim, pois em todos os anos de docência pude presenciar o quanto a afetividade faz com que o aluno se interesse mais pelo ensino e melhora também a questão do comportamento. Essa aproximação tem muito a contribuir cognitivamente e psicologicamente com ambos.
4. Em sua opinião, como deve ser trabalhada a dimensão afetiva em sala de aula?	Primeiramente, deve partir da história de vida que o aluno traz de casa. A bagagem que ele traz. Depois disso, é sempre procurar ser amiga dos seus alunos tendo a hora certa de conselhos e a hora certa também de chamar atenção quando algo não está indo bem.	A afetividade deve ser trabalhada baseada nos valores, no respeito, na solidariedade, na compreensão uns com os outros. Esse trabalho deve ser através de boa conversa, atividades que valorizam o afeto, filmes, para, assim, despertar o bom relacionamento, o cuidado com o outro em sala de aula e fora dela.

Continuação Quadro 1

<p>5. Você acha importante entender os sentimentos dos alunos? Por quê?</p>	<p>De extrema importância. Porque no meu caso tenho muitos alunos que têm uma história de vida sofrida.</p>	<p>Sim, uma vez que, quando se conhece o perfil do aluno, se ele é carente, com problemas familiares, calmo ou temperamental, torna-se mais fácil o relacionamento, pois, sabendo dos seus sentimentos, angústias, posso adotar estratégias e conteúdos que podem melhorar o seu desempenho, facilitando, assim, a aprendizagem e o convívio.</p>
<p>6. Você vê o aluno de forma integral?</p>	<p>Procuro sempre ver, mas quando não o vejo tento fazer esse aluno se tornar um aluno de forma integral. Este ano estou com esse desafio em ver todos meus alunos de forma integral.</p>	<p>Sim, não vejo ele somente como um aluno, vejo como pessoa, ser humano que precisa de direcionamento para as suas boas escolhas; além do trabalho, acredito que educar também é missão social, ambos caminham juntos.</p>
<p>7. Você acredita que quando o aluno se identifica com o professor, em um ambiente harmonioso, ocorre um maior desenvolvimento cognitivo da criança?</p>	<p>Sim, acredito, pois o aluno passa a ter confiança em seu professor, porém a família deve contribuir também para desenvolvimento cognitivo em sala de aula, devendo estimular seu filho em casa para os estudos, levar seu filho a ter vontade de estudar. Participar da vida escolar de seu filho.</p>	<p>Sim, o aluno se desenvolve melhor quando se sente seguro, onde tem confiança, ele se sente estimulado, um simples reconhecimento enquanto uma criança capaz, saber ouvi-lo e dar a ele palavras de incentivo é a chave para um aprendizado eficaz.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (entrevistas)

Participaram desta pesquisa duas professoras, sendo uma do 1º ano e outra do 5º ano do ensino fundamental I, sendo a do 1º ano da rede estadual de ensino e a do 5º da rede municipal de ensino, no município de Patos de Minas - MG. Ambas são graduadas em Pedagogia, possuindo, uma das entrevistadas, especialização em Educação Pública. As duas professoras lecionam no turno da manhã.

As entrevistadas que participaram deste estudo opinaram sobre o que entendem sobre afetividade; sobre o afeto entre professor-aluno; se os aspectos cognitivos e afetivos se complementam; se é necessário entender os sentimentos dos

alunos. A professora Livro, diante das observações, em sala de aula, diverge da entrevista dada, pelas suas atitudes em sala de aula.

Em relação ao afeto entre professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem, verificou-se que ambas, em relatos na entrevista, procuram manter esse sentimento, pois, por meio da afetividade, fazem com que o aluno se interesse mais pelos conteúdos e, também, ajuda na questão do comportamento. A professora Rosa salientou que é necessário usar bastante o diálogo, pois, em seu caso, a maioria de seus alunos se fecha em seu mundo, portanto é bom insistir no diálogo para tentar solucionar o problema e, então, abrir portas para a aprendizagem.

Sobre a questão de se trabalhar a dimensão afetiva em sala de aula, a professora Rosa procura sempre ser amiga de sua turma, porque sempre é conselheira. No entanto, a professora Livro foi mais complexa em suas respostas, salientando que a afetividade deve ser trabalhada baseada nos valores, no respeito, na solidariedade, na compreensão uns com os outros. Porém, nas aulas observadas dessa respectiva professora, não se presenciou nenhuma dessas atitudes citadas. Assim, a teoria da professora é muito válida, mas sua prática não condiz com sua teoria.

A partir de todos os dados coletados dessas entrevistas, pudemos verificar que é necessária a afetividade em toda a prática pedagógica, pois, assim, formar-se-á um cidadão participativo na sociedade e, principalmente, no ambiente escolar.

4 Considerações finais

Concluimos, com base em nossas observações, que o ensinar vai além das didáticas livrescas; ensinar é semear no aluno o desejo de aprender. Quando a prática pedagógica é feita com amor, com afeto, há maior possibilidade de compreensão e entendimento, usando atividades dinâmicas e participativas, nutridas pelo interesse, tornando o aprendizado algo mais significativo e surpreendente para o educando.

A afetividade não deve ser pensada como o único recurso no processo de aprendizagem, mas sim como a ponte de ligação que une a prática pedagógica, de forma favorável, para que o processo ensino-aprendizagem se faça de forma eficaz.

Em uma sociedade cada vez mais tecnológica e distante da relação proximal, trabalhar uma pedagogia afetiva faz reviver conceitos e atitudes que colaboram para um ser mais amoroso, capaz, participativo e seguro diante de si e do meio em que vive.

Nas observações em sala de aula, presenciamos o quanto a afetividade pode mudar o comportamento dos alunos que, em momentos anteriores, eram considerados verdadeiros problemas e, hoje, se mostram dedicados e capazes diante do convívio com os outros e na absorção de conhecimento de forma ativa. Isso demonstra a importância do afeto como mecanismo de aquisição do saber.

A partir de análises das entrevistas feitas com as professoras, verificamos a importância que estas atribuem à relação afetiva com os alunos, o que possibilitou fazer uma comparação entre a entrevista e a prática presenciada durante as observações em sala de aula. Constatamos que, por mais que as professoras afirmem acreditar na importância da afetividade, diante das observações em sala de aula, verificamos que, na prática de uma das professoras observadas, isso não é efetivado.

A partir das observações em sala de aula, pudemos entender como o clima emocional interfere na maneira como os alunos veem a sua turma. A relação professor-aluno consiste em uma troca de afetividade e conhecimento. Com isso, a forma que é conduzida a aprendizagem e a afetividade interfere na dimensão cognitiva.

Referências

ABREU, Maria C.; MASETTO, M. T. *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. *Emoção e escrita: fios que se unem numa mesma trama*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

ALMEIDA, Ana Rita da Silva. *A emoção na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares/ Secretaria de Educação fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 107-108.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução no afeto*. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CUNHA, Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. *A construção da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MENEZES, Vanessa Fernandes da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. *Expressões emotivas em sala de aula: como as professoras lidam com elas?* UFPE, p. 12. 2007.

OLIVEIRA, M. M. de. *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. Rio de Janeiro: Elsevier: 2003.

SYNDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1998.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção psicologia e pedagogia)

_____. *Psicologia e Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SALLA, Fernanda. *O conceito de afetividade de Henri Wallon*. 2015. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conceito-afetividade-henri-wallon-645917.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

SILVA, Nelma Albino da. *Importância da afetividade na relação professor aluno*. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>>. Acesso em: 15 maio 2016.